

Piracicaba, 29 de outubro de 2004.

Variação Mensal e Acumulada							
Estados	COE		COT		Boi Gordo R\$/@		Ponderações
	setembro-04	Jan - set/04	setembro-04	Jan - set/04	setembro-04	Jan - set/04	
Goias	-0,01%	4,14%	0,56%	4,09%	-4,08%	-1,27%	13,9%
Minas Gerais	0,45%	8,89%	1,08%	11,89%	-3,67%	-3,36%	14,2%
Mato Grosso	-0,03%	8,31%	0,57%	8,63%	-1,13%	0,74%	15,4%
Mato Grosso do Sul	0,45%	9,01%	0,81%	11,11%	-1,81%	1,63%	16,0%
Pará	1,80%	3,74%	1,52%	6,66%	1,90%	-1,94%	8,4%
Paraná	-0,06%	5,82%	0,50%	5,63%	-3,78%	-1,83%	7,0%
Rio Grande do Sul	0,12%	4,26%	0,88%	4,92%	-3,11%	-11,30%	10,0%
Rondônia	0,12%	5,46%	1,73%	13,27%	2,57%	-0,36%	5,6%
São Paulo	-0,38%	4,57%	0,44%	7,56%	-2,55%	-0,51%	9,5%
Brasil*	0,26%	6,45%	0,84%	8,27%	-2,07%	-1,72%	

* - Referente a 77,89% do rebanho nacional segundo o Rebanho Efetivo Bovino PPM / IBGE 2002.

PASSADO É INFLAÇÃO; O PRESENTE É PROFISSIONALISMO

A inflação brasileira está em queda. Em setembro, o IPCA, por exemplo, teve variação de 0,33%, menos da metade da verificada em agosto (0,69%). No acumulado do ano, porém, está em 5,49%, ou seja, em nove meses praticamente já atingiu a meta para o ano (5,5%). Como ainda faltam três meses para o final do ano, é previsível que ela fique acima da meta, mas pode se manter limitada no intervalo superior, que é de 8,0%.

O que isto tem a ver com a pecuária de corte? A carne bovina continua contribuindo para que a inflação fique dentro das expectativas do mercado. Vem apresentado aumentos mínimos, abaixo da taxa de inflação, mesmo neste que seria o período de entressafra. Com base no mercado atacadista da Grande SP, o preço médio da carcaça casada de boi teve aumento de 0,30% em relação a agosto, mas no correr de setembro recuou 2,3%. Isso tem ocorrido principalmente pela queda dos preços da arroba do boi recebida pelos pecuaristas – no Estado de SP, o recuo foi de 4%, segundo o Indicador Esalq/BM&F à vista -, que neste ano vem frustrando todas as expectativas.

Os preços terminaram o mês de setembro em queda, mas iniciaram outubro em ligeira recuperação, acumulando até o dia 28, alta de 3,25% (preços diários estão disponíveis em <http://www.cepea.esalq.usp.br/indicador/boi/>). As variações positivas deste mês decorrem da diminuição das ofertas que pode estar refletindo o descontentamento dos produtores com os preços - que teriam chegado ao patamar mínimo aceito – ou mesmo à menor disponibilidade, propriamente, de animais de pasto e também de confinamento.

Piracicaba, 29 de outubro de 2004.

Em setembro, as exportações foram impactadas pelo câmbio. Com o Real valorizado, muitos frigoríficos diminuíram suas compras na expectativa de que a taxa de câmbio retornasse ao patamar mais favorável às suas vendas. Enquanto isso, a procura por boi se retraiu significativamente, esticando as escalas de abate – em setembro, falava-se em mais de 30 dias.

A queda das vendas ao exterior está atrelada a uma estratégia relativamente simples por parte dos compradores europeus, em especial. Esses “clientes” aproveitam os momentos de alta do dólar em relação ao real – preço da carne brasileira em dólar diminui – e forçam as compras, compondo estoques de alguns cortes. No momento de valorização da moeda brasileira, saem do mercado, gerando uma retração de preços, o que leva os frigoríficos a reduzirem os abates. Isto ocorreu em setembro, justamente no momento em que os pecuaristas mais esperavam uma elevação de preços, o auge da entressafra.

Alem disso, um grande alarde está sendo feito pela Rússia com relação ao foco de aftosa na Amazônia. Este país é o nosso maior importador de carne bovina, absorvendo cerca de 13% do embarcado pelo Brasil de janeiro a agosto deste ano. No entanto, nossa maior receita com exportação de carne vem do Reino Unido e da Holanda. As exportações para os Países Baixos, por exemplo, foram três vezes menores em volume, mas geraram mais divisas ao País que a Rússia. Para os Países Baixos, o Brasil vendeu carne a US\$ 4.300/t contra US\$ 1.510/t para a Rússia. Já com o Reino Unido, a receita obtida foi quase 20% superior às exportações para Rússia, ainda que o volume tenha sido 40% menor.

Fica cada vez mais claro que a “represália” russa tem como objetivo pressões políticas e comerciais, no sentido de diminuir ainda mais as cotações. Dos mais de 130 destinos da carne brasileira, a Rússia foi a única que veio a questionar a sanidade brasileira e considerou o País inseguro com relação à aftosa.

Os pecuaristas, pressionados pelo encarecimento dos insumos - no decorrer deste ano, os custos operacionais totais (COT) somam 8,3% de alta e os custos efetivos (COE), 6,45% -, acabam entregando seus lotes com medo de aumentar as despesas com o correr do tempo sem a contrapartida de aumento do preço da arroba. A mão-de-obra ficou cerca de 8,44% mais cara no acumulado deste ano, e, dentre os 17 grandes grupos de insumos de produção, apenas dois apresentaram variação negativa no agregado do ano: animais de reposição e insumos para inseminação.

A análise mais aprofundada desses números mostra que, se os insumos mais básicos e essenciais estão em baixa, no próximo ano teremos problemas. Se existe desinteresse por bezerro – demonstrado pela desvalorização desse animal -, como pode-se esperar aumento de oferta de boi para sustentar as crescentes exportações e os possíveis aumentos de consumo interno? O que pode se esperar é um ajuste entre a oferta e a demanda via preços.



DEPARTAMENTO DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO • ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA "LUIZ DE QUEIROZ"
cepea@esalq.usp.br • <http://cepea.esalq.usp.br>

Piracicaba, 29 de outubro de 2004.

Da mesma forma que a pecuária de corte é uma das principais contribuintes para o sucesso do controle da inflação e do saldo comercial, pode se tornar uma importante dor-de-cabeça para os formuladores de política economia em médio prazo.

A preocupação é tão grande que os frigoríficos mais estruturados começam a fazer ofertas de compras futuras de animais, garantindo preços e oferecendo dinheiro adiantado para a reposição. A estratégia é inovadora, pois contraria a tendência tradicional de os frigoríficos tentarem manter um estoque próprio de animais e dessa forma fazerem pressão sobre o pecuarista.

A compra antecipada segue a tendência verificada na cadeia da soja. A empresa tem uma estrutura financeira evoluída que, no mesmo momento em que compra antecipado do pecuarista, vende no mercado futuro. Dessa forma, o risco de uma elevação antecipada de preços é transferido para os investidores/especuladores que possuem dinheiro, mas não têm terra, boi e muito menos interesse em abater bois. Além disso, afasta do mercado físico indivíduos que, em bons momentos, entravam na atividade e faziam compras para numa posição seguinte vender em desespero, sem se preocupar com custos, operando como legítimos oportunistas especuladores. Com o mercado futuro, esses agentes podem fazer isso no escritório, sem a necessidade de pôr os pés no curral.

Qual o risco das novas estratégias de compra dos frigoríficos? Uma quebra de contrato, ou seja, num momento de alta de preços, a parte que vende não quer honrar o compromisso. Esse será, sem dúvida, o teste para o novo modelo da pecuária que está se desenhando. No caso da soja, a história provou que as quebras de contrato geram lucro no momento, mas prejuízo por anos.

Piracicaba, 29 de outubro de 2004.

Variações dos Preços dos Principais Insumos da Produção Pecuária				
Média Ponderada para GO, MT, MS, PA, RO, RS, MG, PR e SP.				
	Ponderações%		Varição Acumulada %	
	Setembro	Jan - set/04	setembro/04	
Diesel em áreas rurais	5,54%	5,58%	0,10%	
Lubrificantes	0,69%	3,33%	1,44%	
Adubo em geral	4,01%	20,00%	3,71%	
Calcáreo	1,19%	6,27%	-1,70%	
Sementes forrageiras	1,42%	0,62%	0,28%	
Suplementação Mineral	14,54%	11,15%	1,31%	
Medicamentos - Vacinas	1,61%	0,18%	0,64%	
Medicamentos - Controle Parasitário	1,24%	3,57%	-0,11%	
Medicamentos em geral	0,78%	7,92%	0,32%	
Insumos para reprodução animal	0,67%	-0,29%	0,05%	
Insumos para construção/manutenção de cercas	4,07%	18,23%	2,84%	
Construções em geral	6,79%	8,46%	0,73%	
Máquinas e implementos agrícolas	7,53%	20,69%	4,48%	
Serviço terceirizado de desmatamento	0,71%	3,11%	0,62%	
Serviço terceirizado de máquinas pesadas	1,40%	1,35%	-0,35%	
Compra de animais bezerro	9,61%	-1,99%	-1,44%	
Mão-de-obra	22,44%	8,33%	0,00%	

Análise de insumos e regional

PETRÓLEO VOLTA A ELEVAR CUSTOS DA PECUÁRIA

A pressão gerada pelos custos de produção de carne bovina, que já aumentaram 8% no ano, e pelo recuo de 1,72% do preço da arroba do boi no mesmo período vem exigindo um malabarismo dos pecuaristas para permanecer na atividade e torná-la rentável. A maior demanda por alguns insumos utilizados na agricultura e também o aumento dos preços do petróleo e do aço têm estimulado reajustes consideráveis de alguns insumos da pecuária, mesmo com o câmbio relativamente estável no acumulado do ano.

O preço do barril de petróleo no mercado internacional está cerca de 48% mais caro que no início do ano, o que tem encarecido alguns adubos nitrogenados e micronutrientes. Mesmo sendo pouco utilizado pela maioria dos pecuaristas e representar cerca de 4% dos custos operacionais totais (COT), os reajustes superiores a 20% dos adubos no ano acabam por pesar nas contas do produtor. Nem a isenção do PIS e Cofins foi suficiente para evitar novos aumentos deste insumo. Após o recuo dos preços de 1% em agosto, em setembro, os adubos voltaram a subir 3,7% na média dos nove Estados pesquisados.

Piracicaba, 29 de outubro de 2004.

Este reajuste se explica também pela intensificação dos trabalhos para a safra de verão; o caso mais evidente é o aumento de 10,8% no Mato Grosso, Estado de tradição agrícola onde é notável a expansão das áreas de soja e algodão. O mais preocupante a quem precisa deste insumo é que não há fundamentos que indiquem recuos das cotações do petróleo ou da demanda em curto prazo.

Em setembro, novamente os aumentos nos preços do aço estimularam reajustes dos arames e de máquinas agrícolas. No acumulado dos nove meses, os insumos para construção/manutenção de cercas já atingem altas superiores a 18% e as máquinas, líderes no ranking, já subiram quase 21%. Tal aumento está vinculado à escassez da matéria-prima para atender à elevada demanda externa, principalmente do mercado chinês.

Os produtores sul-mato-grossenses são os que têm mais sentido “no bolso” os aumentos, que já chegam a 9% no ano. Os principais responsáveis por essa incômoda liderança são os aumentos expressivos dos medicamentos em geral (12,84%) e dos insumos para construção e manutenção de cercas (29,3%) no correr do ano.

O sal mineral, um dos insumos mais importantes e que mais impactam nos custos, também tiveram novas altas em setembro. Na média dos nove Estados pesquisados, em setembro, alcançou 1,3% e no acumulado do ano registra mais de 11%. No caso deste insumo, os aumentos neste ano estão bem superiores aos do ano passado - de março a setembro/03, acumularam apenas 3,8%. O aumento vem ocorrendo há vários meses também devido aos constantes reajustes de matérias-primas importadas. Apesar de no balanço de nove meses, haver uma estabilidade dessa taxa, em maio, junho, julho e até meados de agosto, se manteve acima de R\$ 3,00/US\$, atingindo o pico de R\$ 3,21 /US\$ em 20 de maio. Nesse período, muitos insumos foram reajustados para cima e não tiveram retrações proporcionais ao câmbio.

O impressionante do setor pecuário é que mesmo nessas condições adversas de pressão de custos, o volume de animais e a produção de carne têm aumentado nos últimos anos. A redução das margens do pecuarista, contudo, pode desmotivar novos investimentos na produção de carne, situação que já começa a preocupar alguns frigoríficos.

De acordo com observações de campo, boa parte das propriedades rurais brasileiras está com os “arames segurando os mourões” e com os cochos/saleiros em condições precárias, o que demonstra o momento preocupante – descapitalização – que o setor atravessa. O produtor está com pouco dinheiro para investir na manutenção da propriedade, honra basicamente os custos efetivos, o que faz com que as instalações e construções das fazendas sigam se depreciando dia após dia, comprometendo a sustentabilidade do negócio no longo prazo.



DEPARTAMENTO DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO • ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA "LUIZ DE QUEIROZ"
cepea@esalq.usp.br • <http://cepea.esalq.usp.br>

Piracicaba, 29 de outubro de 2004.

Rondônia, um dos Estados emergentes na pecuária de corte, com crescimento do rebanho de mais de 85% nos últimos cinco anos, sustenta também a incômoda posição de líder nos aumentos dos custos totais de produção em setembro (1,7%), que já chegam a mais de 13% no ano. Nem mesmo o recuo significativo de 5,5% dos preços das sementes de forrageiras em setembro e do acumulado negativo de quase 26% desse insumo no ano impediram que a produção de carne bovina neste Estado se tornasse 13,3% mais cara neste ano – considerando o COT.

As reduções dos preços das sementes, em parte, estão associadas a uma maior oferta do produto, mas, também - e principalmente - a menores investimentos em pastagens cultivadas nesta região. Vários pecuaristas ainda têm pouco conhecimento e interesse em manejo intensivo de pastagens. O baixo preço da terra faz com que seja mais viável aumentar a área do que intensificar o seu uso, resultando em explorações bem extensivas, distantes do aproveitamento máximo da capacidade produtiva.

Ao longo do ano, os preços das vacinas têm mantido uma certa estabilidade, proporcionada pela alta competição entre os laboratórios. Enquanto em 2003 a variação entre março e setembro foi de 11,11%, este ano – considerando janeiro a setembro –, está em imperceptíveis 0,18%. Contudo, a manutenção deste nível favorável ao pecuarista vai depender da campanha de vacinação do próximo mês, a última do ano.

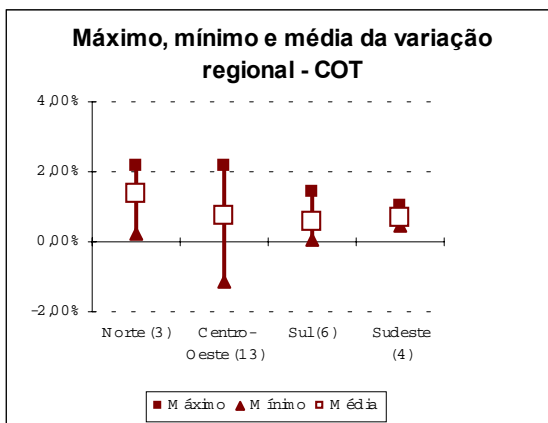
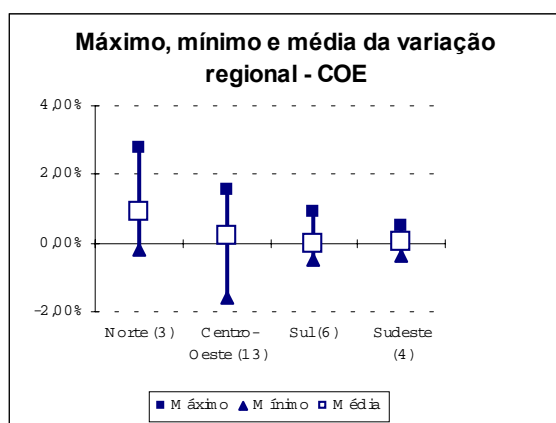
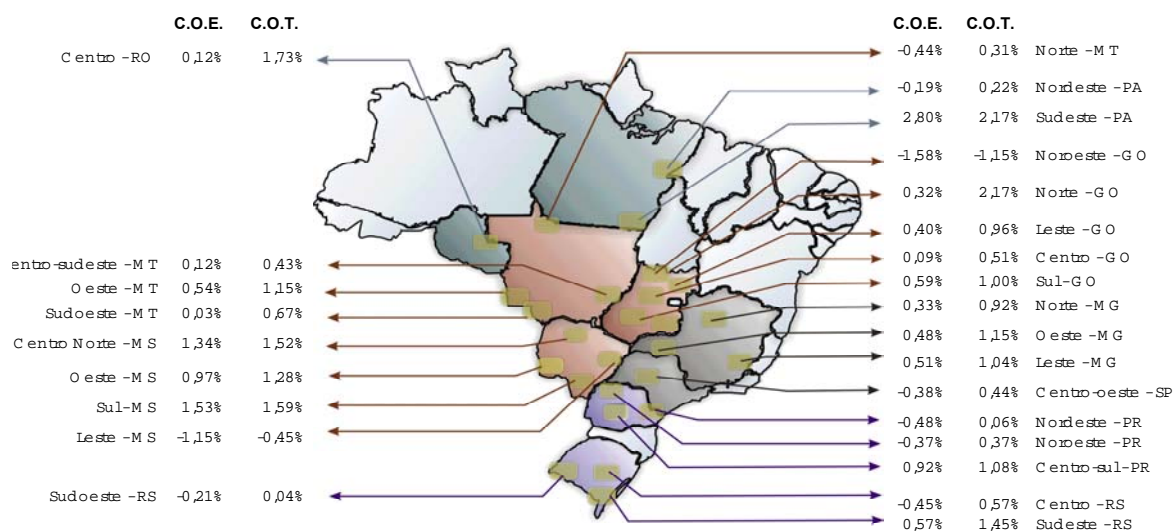
Em setembro, o aumento das vacinas foi de 0,64%, bem abaixo dos 2,18% do mesmo período de 2003. Além de o produtor encontrar, este ano, preços mais acessíveis de vacinas, tem também mais opções de laboratórios fabricantes. Já os medicamentos em geral (mata bicheira, antibióticos etc) tiveram um comportamento distinto e acumulam altas que já chegam a quase 8% no ano.

O Rio Grande do Sul, tradicional produtor de carne, lidera a incômoda posição de ser o Estado com maior desvalorização do boi no acumulado do ano, com cerca de 11,3%. Essa situação é explicada por vários fatores, com destaque para o grande mercado informal neste Estado, o baixo número de frigoríficos exportadores e ainda a recente expansão da agricultura em áreas de tradição pecuária. Os preços recebidos pelos gaúchos em setembro foram equivalentes aos praticados em Estados do Norte. Por outro lado, há de se ressaltar que o Rio Grande do Sul, juntamente com Goiás, apresentam as menores variações dos custos no acumulado no ano, cerca de 5% no COT.

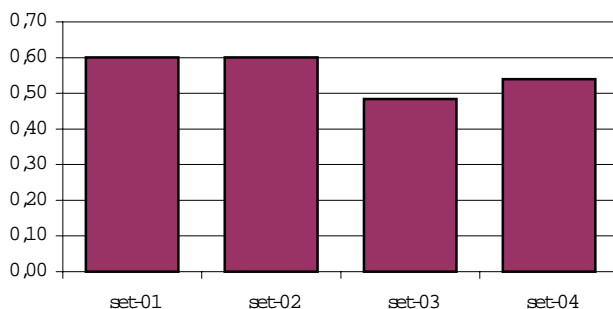
Piracicaba, 29 de outubro de 2004.

Varição dos Custos Operacionais Efetivos e Totais por Mes e Regiões

setembro-04



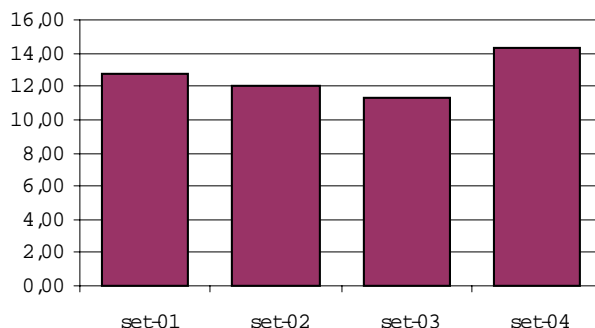
Piracicaba, 29 de outubro de 2004.



Sal Mineral: Considerando-se as necessidades nutricionais dos animais, a utilização do sal mineral é muito importante para o bom desempenho do rebanho. Porém, o custo da suplementação animal vem aumentando, pressionando as margens do pecuarista. De agosto para setembro deste ano, o preço deste insumo retraiu 1%, mas o pecuarista teve seu poder de compra reduzido em 3,8%, devido à queda de 2,55% no preço da arroba do boi. Enquanto em agosto de 2004 o pecuarista precisava de 0,52 arroba para a compra de um saco de suplemento mineral, em setembro deste ano ele precisa de 0,54 arroba para o mesmo. Já considerando a variação nos últimos doze meses, a queda no poder de compra foi ainda maior, de 11,43%, influenciada pela queda de 0,59% do preço da arroba do boi, frente ao aumento de 10,77% no preço do sal mineral.

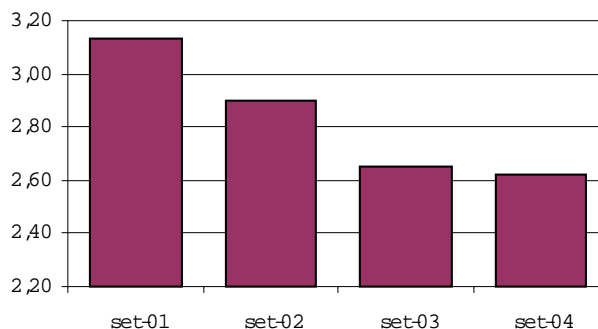
Cloreto de Potássio (@/ton)

Piracicaba, 29 de outubro de 2004.



Fertilizante: Importante na formação e reforma das pastagens, o Cloreto de Potássio registrou nos últimos doze meses alta de 25,46% e uma ligeira queda no último mês de 0,91%. Mesmo com a baixa nos preços praticados em setembro, a relação de troca para o produtor não apresentou melhora. No último mês, o pecuarista precisou de 14,33 arrobas para a compra de uma tonelada do fertilizante, 2,33% a mais do que no mês de agosto. Já considerando os últimos doze meses, o pecuarista perdeu 26,2% do seu poder de compra. Enquanto em setembro de 2003, 11,35 arrobas eram equivalentes a uma tonelada de KCl, no último mês foram necessárias 14,33 arrobas para cada tonelada do adubo, dadas a alta do fertilizante e a queda no preço da arroba do boi.

Ivermectina (@/500ml)

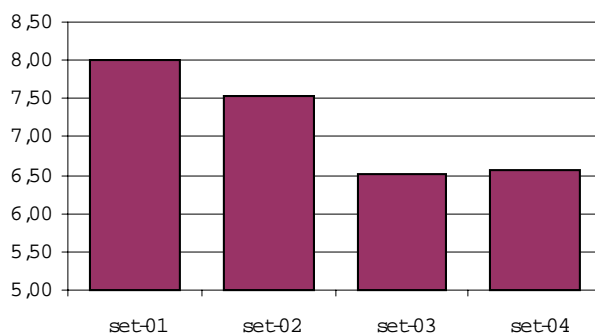


Medicamento: Nos últimos doze meses, o preço da Ivermectina recuou 1,68%. De agosto para setembro, no entanto, seu valor não variou. Ainda assim, a relação de troca caiu 2,55% no período, devido à queda do preço da arroba. Enquanto em agosto deste ano 2,53 arrobas eram suficientes para a compra de um frasco de 500 ml de Ivermectina, em setembro foram necessárias 2,62 arrobas para a compra do mesmo medicamento. Nota-se uma melhora no poder de compra do pecuarista somente quando se compara o seu poder de compra com o mesmo período do ano passado. Enquanto em setembro deste ano eram

Piracicaba, 29 de outubro de 2004.

necessárias 2,6 arrobas para um frasco, em setembro de 2003, precisava-se de 2,65 arrobas para o mesmo frasco, uma melhora de 1,9%.

Bezerro (@/cabeça)



Bezerro: Do ponto de vista do pecuarista que trabalha com recria-engorda, seu poder de compra piorou em setembro. Os preços do bezerro tiveram cerca de 2% superiores em relação a agosto, sendo que, no mesmo período, a arroba do boi, em SP, recuou 2,5%. Com isso, ao invés de 6,22 arrobas em agosto, o pecuarista de recria-engorda precisou dispor de 6,56 arrobas em setembro, uma perda por volta de 5,5% do seu poder de compra deste que é o principal insumo para a produção de carne bovina. Em comparação a setembro de 2003, quando eram necessárias 6,5 arrobas para se adquirir uma cabeça de bezerro, houve uma ligeira perda de 0,9% no poder de compra do criador.

Outras informações sobre o mercado pecuário podem ser obtidas através do Laboratório de Informação do Cepea, com o pesquisador Sergio De Zen. Para entrar em contato, 19-3429-8837 / 8836 e cepea@esalq.usp.br